



Nome:

3ª SÉRIE/CURSO

TURMA:

DATA: __ / __ / 2018

AULA
01

Professor: Marcel

Disciplina: Arte

Estética e discurso visual

Raul Fonseca Silva.

Introdução

Em um sentido mais geral, a estética como filosofia refere-se ao estudo dos valores sensoriais e perceptivos. Isso significa que o julgamento ou avaliação pelos sentidos ao longo do tempo passou a se referir ao pensamento crítico ou filosófico sobre a arte, a cultura e/ou a natureza. Como um subcampo da axiologia, a estética ou filosofia da arte está interessada na avaliação das formas de ver e de sentir o mundo. Como um campo de estudo, a estética envolve formas de ver e perceber a beleza das coisas do mundo, bem como interpretar o sentimento de beleza. Segundo Barbosa (2016), Axiologia é o estudo dos valores e a forma como esses valores ocorrem em uma sociedade.

A axiologia procura compreender a natureza dos valores e julgamentos de valor. Está intimamente relacionada com outros dois domínios da filosofia: ética e estética. Os três ramos lidam com o valor. A ética está preocupada com o bem, tentando entender o que é o bem e o que significa ser bom. A estética está preocupada com a beleza e a harmonia, tentando entender a beleza e o que ela significa ou como ela é definida. Axiologia é um componente necessário da ética e da estética, porque é preciso usar conceitos de valor para definir “bondade” ou “beleza” e, portanto, para entender o que é valioso e por quê. Compreender os valores nos ajuda a determinar a motivação.

De acordo com preceitos mais contemporâneos, a estética pode ser usada para fazer referência a um estilo ou projeto particular. Por exemplo, uma cultura que usa um determinado estilo aplicado a muitas áreas das artes e do design, pode adotá-lo como referência para apreciar ou aferir uma qualidade estética específica. Assim, assumindo a forma de um estudo crítico, a estética adquire a capacidade de julgar em nível sensorial dentro de alguns parâmetros, bem como estabelece um acordo coletivo sobre ideais de beleza. O filósofo Immanuel Kant (2016) distinguiu a estética da capacidade de um objeto de ser “agradável” a uma pessoa, pois este agrado está em consonância com o gosto pessoal, portanto, não está em conformidade com as noções mais amplas de beleza. Nesta análise de Kant, a beleza é uma qualidade real do objeto e não uma mera opinião.

Uma filosofia da estética pode ser atribuída de imediato ao pensamento de Platão, uma vez que o clássico pensador grego supôs que todas as coisas que provocam a beleza sensorial são imitações da forma perfeita de sua objetividade. Isto é, nessa visão platônica, cada coisa que pertence a uma categoria – por exemplo, a categoria de uma bela flor – imita a forma mais perfeita de flor que existe apenas na ideia, e quanto mais

próximo o objeto se assemelha a essa forma perfeita que existe na ideia, mais belo (estético) ele se torna (GOMBRICH, 2015).

Emmanuel Kant resume o aspecto individual de muitos julgamentos estéticos quando ele diz que um homem não argumentará se outro lhe disser que algo é agradável para ele, em vez de agradar por si mesmo. Para Kant, o valor estético, como o resto da apreciação, não mantém a beleza ou a verdade nos objetos, mas sim nas definições. Isso significa que a rosa em si não é bonita – mas, é linda quando alguém que a vê assim decide e como tal a sociedade em geral concorda, fazendo da beleza uma propriedade social e não uma opinião. Do ponto de vista de Kant (2016: 37), “a beleza da coisa é o reconhecimento de uma verdade que é universal e subjetiva”.

Outros filósofos tentaram criar um conjunto de critérios para avaliar a beleza, incluindo pensadores analíticos como Edmund Burke e William Hogarth – citados por Nunes (2016: 74) – que sugeriram que “a beleza inclui seis princípios básicos de composição ou organização estética: variedade, uniformidade, simplicidade, complexidade e magnitude”. Desse modo, a avaliação estética se aproxima mais do conceito de sintaxe ou discurso final, promovido pela organização da composição da mensagem estética que é transmitida pelo uso criterioso dos elementos gramaticais de uma linguagem aplicados a um objeto artístico de qualquer nível (literatura, música, artes visuais etc.).

Existe também uma questão relacionada a interseção da estética com a ética, uma vez que essa última se refere às normas e valores sociais que orientam os indivíduos e sua interação com seus semelhantes seres humanos e comunidades, e também com seu meio ambiente. Em todos esses tipos de interação, existem valores importantes em jogo: regras e normas criadas para proteger esses valores; deveres implicados em papéis e posições sociais que podem promover esses valores e promover essas regras; e virtudes ou capacidades humanas que nos permitem atuar em conformidade. Esses fatores morais são geralmente entrelaçados com práticas religiosas e estruturas de poder político e social.

A beleza necessariamente proporciona o prazer? Os seres humanos louvam a beleza porque ela dá prazer? Uma vida dedicada exclusivamente à busca pela beleza, vale a pena viver? Estas são algumas questões fundamentais em filosofia, na interseção entre ética e estética (KANT, 2016). Se por um lado a beleza parece estar ligada ao prazer estético, buscar o primeiro como um meio para alcançar o último, por outro pode levar ao hedonismo egoísta – autocentrado e focado na busca do prazer pelo prazer e o prazer para o próprio bem individual em detrimento dos outros indivíduos –, o que, dentro dos preceitos éticos, é um símbolo típico da decadência moral.

Mas a beleza também pode ser considerada um valor, um dos mais importantes para os seres humanos: no filme de Roman Polanski, *O Pianista*, citado por Nunes (2016:112), “o protagonista escapa à desolação da Segunda Guerra Mundial, e a morte, ao tocar uma balada de Chopin”.

Introdução



Figura 1– Ilustração encontrada em uma cerâmica grega.

Nota-se a total ausência de pelos no corpo da figura que representa um homem. Esse tipo de tratamento da imagem humana repete-se notadamente no Renascimento. Fonte: Gombrich. (2016, p. 97).

As grandes civilizações da história – mesopotâmicas, persas, chinesas, indianas, egípcias, gregas e romanas – foram todos centros de estilos únicos de arte e concepção que contribuíram para a compreensão moderna da arte e a formação de uma teoria contemporânea da filosofia estética. Pode-se observar a interpretação da estética fluindo através do tempo pela observação da representação artística da forma física humana.

Características como proporção, musculatura e representação precisa são usadas como uma linha de base imutável ao longo do tempo, permitindo que os artistas e os períodos estéticos se desviem da imitação para a interpretação. As semelhanças estéticas em diferentes culturas também são observáveis na representação artística da forma humana. Já, características como pelo corporal são muitas vezes suprimidas, mostrando uma preferência quase universal para a falta dele, especialmente na pintura e na escultura (GOMBRICH, 2015). Isso é típico na arte egípcia e grega.

As normas culturais e os valores da sociedade também influenciam os julgamentos estéticos aceitos. Nas obras artísticas, a forma feminina passou por várias interpretações, expressando expectativas sociais. Em algumas culturas e algumas épocas específicas – como no Renascimento – corpos de curvas acentuadas e corpos mais cheios eram apreciados como símbolos de beleza e prosperidade. Nessas representações, a saúde da mulher e a força reprodutiva são transmitidas através da exuberância da sua forma, pelos seios fartos e o ventre acentuado, que também simboliza riqueza e status. Em outras épocas e culturas, a forma feminina já é esbelta, delgada e bem tonificada, explicitando riqueza e privilégio em outro contexto. A beleza física, é claro, difere de acordo com a cultura, a época e o local.

Valores estéticos diversos estão presentes em múltiplas culturas e por todo o mundo e se apoiam em diversos ambientes naturais, normas culturais e fundações morais. Na Índia, o valor estético evoluiu através da interpretação e representação da iconografia espiritual e religiosa. Nesse país, a arte e as relações entre estados físicos e espirituais se manifestam em vários tipos de expressão, incluindo pintura, escultura, literatura, dança, arquitetura e música. As histórias da criação da cultura indiana e diversos mitos espirituais são repetidamente retratados em todos os gêneros da arte, e as relações que reforçam o sentido da vida e do amor através dessas manifestações artísticas representam para os Hindus uma percepção de extrema beleza estética.

Na história chinesa, a estética era uma busca mais intelectual, com pensadores como Confúcio dedicando-se ao estudo da arte e da natureza humana. Como resultado, a arte chinesa clássica ocorre de forma interdependente da filosofia, da estética e da religião. Nas tradições da arte islâmica, há um longo debate sobre a produção de arte representacional – que se refere a imagens que são claramente reconhecidas pelo que elas representam ser; como uma figura humana, uma fruta, uma árvore e assim por diante – A visão religiosa dessa cultura afirma que tais imagens não precisam ser representadas para a normalidade da vida e da sociedade.

A orientação religiosa da cultura islâmica se opõe à expressão artística das formas representativas argumentando que, como Deus criou tudo perfeitamente, a imitação humana é fraca e ofensiva. Como resultado, a maioria das obras da arte islâmica não é representativa ou iconográfica, incluindo mosaicos, mesquitas e caligrafia, gêneros em que as tendências artísticas e estéticas podem florescer sem provocar a ira teológica. Em contraste, em muitas tradições ocidentais, criar imagens representando a obra de Deus e a iconografia do cristianismo foi sempre visto como forma de homenagem e adoração. Grandes artistas, do Renascimento, do Barroco e do Neoclassicismo, usaram a inspiração de Deus, o céu e o inferno como o fundamento de sua expressão artística, glorificando a beleza estética do reino transcendente do céu.

Introdução



Figura 2 – *Vênus e Cupido*, pintura de Ticiano Vecellio

Pintura a óleo realizada entre 1548 e 1549. A tela revela o padrão de beleza renascentista, mostrando um corpo mais cheio e de curvas arredondadas. Fonte: <[wikimedia.org](https://www.wikimedia.org)>.

Embora a estética esteja tradicionalmente relacionada à avaliação crítica da arte e da beleza, o uso do recurso da atração estética é aplicado em muitas áreas da vida humana. Como as qualidades estéticas são experimentadas pelos sentidos, um ambiente agradável pode ser manipulado para influenciar as pessoas em um nível inconsciente. Com a revolução industrial e o crescimento da indústria moderna, as pessoas, especialmente na cultura ocidental, passaram a desfrutar de maior disponibilidade de artefatos visando facilitar suas vidas, possibilitando que diversos recursos e conhecimentos artísticos fossem aplicados aos objetos produzidos em massa, para valorizar aspectos estéticos e tornar esses artefatos mais bonitos e atraentes.

O conceito de estética está, portanto, sendo aplicado em todas as áreas da vida moderna: dos artefatos aparentemente simples da vida cotidiana às complexidades elaboradas e estruturadas da arquitetura e do design. Na linguagem moderna, tais interpretações práticas da filosofia da arte são muitas vezes classificadas como estética aplicada. Em campos como medicina e fisioterapia, a estética aplicada é usada para traduzir em beleza física a possibilidade de moldar o corpo nas academias de musculação, conhecidas como *fitness club*, ou *fitness center*.

Na sociedade ocidental atual, a estética também é empregada na produção de comunicação midiática e de propaganda com sucesso enorme e esmagador. As imagens que transmitem luxo, bom gosto e sucesso dominam a mídia, e sugerem que, através da aquisição de um determinado produto, ou uso de certo serviço, o consumidor irá desfrutar daquele estilo de vida cobijado. Na cultura ocidental moderna, a sexualidade é outra forma de estética altamente comercializada. Relacionadas com produtos ou assuntos midiáticos, imagens de pessoas bonitas atraem a atenção e conquistam credibilidade, para as marcas e para os próprios meios de comunicação.

O uso da beleza, expressada por meio de formas agradáveis, confortáveis e convidativas, é comum no projeto da arquitetura de casas, edifícios, e, mais recentemente, de cidades inteiras, com forte concentração em áreas urbanas de maior poder aquisitivo. Tendo em conta toda a vida sensorial dos seres humanos, o planejamento urbano contemporâneo, a arquitetura e o design da paisagem se apoiam em valores estéticos consagrados. Neste sentido, a arquitetura moderna está mais interessada na forma de uma cidade, casa ou parque do que a sua função intrínseca, reforçando a expressão do significado e da beleza em nossos arredores.

A estética é parte integrante da experiência humana, pelo menos como percepção de beleza e arte. Tenhamos ou não um conhecimento profundo da estética como filosofia, somos todos capazes de encontrar objetos de beleza e percebê-los como tais – isso é inerente ao ser humano. A estética contemporânea desafia uma regra universal, argumentando que não há uma definição singular de beleza ou arte, mas que ambas podem ser encontradas e experimentadas no momento adequado pelo observador.

A arte é a comunicação de uma ideia, seja visual, linguística, gestual ou musical. Nas artes visuais, é a voz da percepção do artista expressa através da cor e da forma em uma busca constante de conexão com alguém, ou com a sociedade. Ela pode incluir imagens desafiadoras e, às vezes, perturbadoras, bem como o prazer estético. A estética é parte integrante da obra de arte, e sempre tem um propósito. É uma maneira de enviar uma mensagem; uma maneira diferente de comunicar algo para os outros, um discurso especial que atua em nível da percepção sensorial, e que de outra forma não seria possível de comunicar. O propósito desta disciplina é analisar como o conceito de estética se desenvolveu ao longo do tempo, suas implicações em diversas áreas da concepção humana e social, e examinar como ela se relaciona com a arte e com o discurso visual.

A Estética Clássica



Figura 4 – Pensadores da Grécia e da Roma Antigas

Fonte: <[amazonaws.com](https://www.amazonaws.com)>.

De certa forma, podemos argumentar que “estética antiga” ou “estética clássica” é um termo anacrônico, uma vez que o conceito de estética como disciplina se originou somente no século XVIII, na Alemanha. No entanto, há evidências consideráveis de que os filósofos gregos e romanos antigos discutiram e teorizavam sobre a natureza e o valor das percepções estéticas. Eles também contribuíram, sem dúvida, para o desenvolvimento da tradição posterior que se inaugura no início do período neoclássico e às portas da revolução industrial (meados do século XVIII).

Muitas teorias renascentistas e neoclássicas foram inspiradas pelo pensamento da Grécia e da Roma Antigas; e, portanto, as contribuições dos filósofos antigos para as discussões sobre arte e beleza fazem parte das tradições da estética. Os gregos constituíram parâmetros racionais e precisos para alcançar efeitos estéticos de alta precisão, que se apoiavam nos postulados estéticos dos grandes filósofos, segundo Barbosa (2015: 252):

A lógica e a ordem constituem a essência da expressão grega. Os helenos projetavam seus templos em obediência a um código esquemático das partes, que atendia em primeiro lugar à função, e depois a um sistema racional de enriquecimento estético. A matemática determinava a simetria, a harmonia, o prazer dos olhos. Nunca houvera uma arquitetura neste sentido. As pirâmides tinham sido um primeiro e desnudado produto do mesmo espírito. Mas na arte amadurecida e refletida da construção, a arquitetura grega é a primeira expressão forte e clara e quase invariável de um credo nacional racional. É o exemplo supremo da inteligência agindo logicamente, friamente, a fim de criar um efeito artístico.



Figura 5 – *Bacanal*, Michel-Ange Houasse

Os pensadores do período helenístico preocuparam-se especialmente com a condução da vida humana e com a busca pela tranquilidade espiritual (chamada de ataraxia), que como consequência, proporcionaria felicidade. As principais escolas filosóficas do período são quatro: Epicurismo, Estoicismo, Ceticismo e Cinismo. Fonte: <acervofilosofico.com>.

A antiga tradição filosófica grega começa com os filósofos pré-socráticos. Na maioria dos casos, há poucas evidências de seu engajamento com arte e beleza, com a única exceção dos pitagóricos (seguidores de Pitágoras). No período clássico, no entanto, surgiram dois filósofos proeminentes, Platão e Aristóteles, ambos discípulos de Sócrates. Eles representam um estágio importante na história da estética. Os assuntos que discutiram e os conceitos que introduziram sobre beleza e arte são bem conhecidos e discutidos até hoje.

As três principais escolas filosóficas do período helenístico (auge da influência grega na Europa, África e Ásia) – os epicuristas, os estoicos e os céticos – herdaram certa agenda filosófica de Platão e Aristóteles, ao mesmo tempo em que apresentaram contra-argumentos e desenvolveram posições distintas. Suas contribuições para a estética não são tão famosas e, em alguns casos, são significativamente menores do que as de seus predecessores, mas, em certos aspectos, também são importantes.

Na antiguidade tardia (período entre a antiguidade clássica e a idade média), o surgimento do neoplatonismo marca outro ponto proeminente da tradição estética. Os neoplatônicos eram autoproclamados seguidores de Platão, e começando pelo fundador da escola, Plotino, os neoplatônicos defendiam muitos pontos de vista comuns a Platão, mas alguns distintamente originais.

A história da estética grega antiga abrange séculos e, durante esse período, desenvolveram-se inúmeros argumentos e posições variadas.

Doutrina estética. Segundo Nietzsche (filósofo alemão – 1844-1900), é a doutrina que tem por objetivo reconciliar a arte e a vida, colocando-se de um ponto de vista ativo em relação à aplicação da estética em nossa forma de viver (NUNES, 2016).

Julgamento estético. Para Kant (2016) é o julgamento que considera as formas das coisas de maneira a extrair delas um sentimento de prazer.

Estetismo: Tendência artística e literária do último terço do século XIX, alinhada à corrente antinaturalista da “arte pela arte”.

Estetizante: Adjetivo pejorativo que designa aquele que dá importância primordial aos valores estéticos e exclusivamente formalistas.